



## LIMITE ÉTICO NO USO DO PHOTOSHOP EM PEÇAS FOTOJORNALÍSTICAS

ALVES, Maria Aparecida.<sup>1</sup>  
DUARTE, Jefferson.<sup>2</sup>  
GUARESKI, Rafael.<sup>3</sup>  
GARBIN, João Elias.<sup>4</sup>  
YUMI, Jéssika<sup>5</sup>  
ITO, Murilo Alves de Almeida<sup>6</sup>

### RESUMO

O presente artigo buscou apresentar o limite ético no uso dos softwares adobe Photoshop com foco no fotojornalismo. A manipulação e o tratamento de imagens não é algo recente, e foi com o desenvolvimento da tecnologia que essas técnicas avançaram. O tratamento é a utilização da tecnologia para melhorar a qualidade da imagem, e a manipulação existe interferência na realidade dos fatos, onde elementos podem ser excluídos ou acrescentados. Na metodologia do trabalho, fora realizado inicialmente uma pesquisa bibliográfica com a finalidade do levantamento bibliográfico, após o levantamento, foi realizada a pesquisa de campo, com o objetivo de escolher uma imagem que pudesse ser salva, fosse tratada e manipulada. Para o tratamento da foto foram utilizadas ferramentas do Adobe Photoshop, posteriormente a figura foi manipulada, retirando-se todos os buracos da rua, o que pode resultar em um problema de ordem social, se a foto fosse utilizada no meio fotojornalísticas, pois alterou a realidade dos fatos. Como considerações finais tem-se que o ponto que deve ser analisado é o real motivo para a manipulação da imagem. E essa é a consideração que deve ser realizada no fotojornalismo, pois uma imagem alterada pode modificar a realidade, seja de maneira positiva ou negativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Limite ético, Photoshop, Fotojornalismo, Manipulação.

### 1. INTRODUÇÃO

Independente da área do conhecimento ao qual se está inserido, sabe-se que as técnicas de manipulação de imagens são utilizadas. Seja na medicina, onde existe maior exatidão dos resultados de exames, devido ao desenvolvimento de tecnologias digitais na captação, manipulação e tratamento das imagens. Neste sentido, na área da comunicação, os procedimentos de manipulação e tratamento de imagens são frequentemente indagados, principalmente quando aplicados à publicidade (CARDOSO, 2012).

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: [alvemara@hotmail.com](mailto:alvemara@hotmail.com)

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: [jeffduarte13@gmail.com](mailto:jeffduarte13@gmail.com)

<sup>3</sup>Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: [rquareski@hotmail.com](mailto:rquareski@hotmail.com).

<sup>4</sup>Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: [joaoeliasgarbin@gmail.com](mailto:joaoeliasgarbin@gmail.com)

<sup>5</sup>Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: [jyumisano@gmail.com](mailto:jyumisano@gmail.com)

<sup>6</sup>Mestre em comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do ensino superior e pós-graduação. E-mail: [murilo.ito1@gmail.com](mailto:murilo.ito1@gmail.com).



Ressalta-se que a manipulação e o tratamento de imagens não é algo recente, no entanto, foi com o desenvolvimento da tecnologia que essa prática se tornou mais usual. Segundo Almeida e Boni (2006) existem diferença entre tratamento e manipulação. O tratamento é a utilização da tecnologia disponível para melhoria da qualidade da imagem, clareando pontos escuros, ressaltando a luz, dependendo do que se quer transmitir. A foto tratada tem a intenção de melhorar a qualidade final e não alterar o seu sentido.

Já a manipulação no caso do fotojornalismo existe a interferência na realidade dos fatos. Podem ser colocados ou excluídos elementos, dependendo do que se pretende atingir. Dessa forma, o que é real pode ser transformado em ficção, o que nunca existiu pode existir (ALMEIDA; BONI, 2006).

Pelo exposto, a inserção de novas tecnologias se tornou aliada ao tratamento e manipulação de imagens, no entanto, apesar de benéficas também levam a problemas, para o fotojornalismo a alteração eletrônica de imagens se tornou fácil, e de difícil detecção (SOUSA, 2000).

Neste sentido, o presente trabalho buscou apresentar o limite ético no uso do software adobe Photoshop com foco no fotojornalismo, usando como base as seguintes questões-chaves: 1) O leitor tem o direito de ser informado das alterações digitais existentes nas imagens publicadas? 2) Qual o limite ético do uso do Photoshop em fotografias de cunho jornalístico? 3) A partir de que ponto a manipulação pode prejudicar os receptores da informação repassada pela imagem alterada?

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico serviu de base para a elaboração do trabalho, como forma de pesquisa bibliográfica para melhor entendimento do conteúdo abordado. Os temas abordados foram a fotografia, o fotojornalismo, a manipulação de imagens, e a ética das imagens.

### **2.1 FOTOGRAFIA**

A fotografia pode ser considerada como o ato de “congelar” um instante da realidade, seja com o objetivo de dar testemunho, de ser informativa artística ou histórica (KUBRUSLY, 1984).

Já para Oliveira (2010), a fotografia nos apresenta um código visual, transformado e ampliado de acordo com nossos conceitos culturais e de observação, construindo-se dessa forma uma cultura visual, embasada na ética e na estética. O registro fotográfico sinaliza a existência de



determinados cenários socioculturais, econômicos e político, podendo refletir esta ou aquela ideologia.

A fotografia impressa segundo Cardoso (2013) é o resultado de um processo de captação e fixação de uma imagem em um suporte a partir de um processo fótico. Com o surgimento e a utilização de novas tecnologias houve a possibilidade de dar mais controle ao fotógrafo no momento da captação e no processo de edição das imagens.

Complementando, com os novos softwares de editoração, essas possibilidades aumentaram mais, dando condições de alterar enquadramentos, mudar a cor, luminosidade, reorganizar a composição, inserir ou retirar elementos (CARDOSO, 2013).

### 2.1.1 Fotojornalismo

O fotojornalismo não tem definição clara, mas segundo Souza (2004), pode ser entendido como a atividade que visa informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista, através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Segundo o autor, esse interesse pode ser diferente de uma para outro órgão de comunicação e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.

Assim, o fotojornalismo pode ser considerado como o ato de informar através da fotografia, onde o texto pode aparecer como complemento, para contextualizar a mensagem que pretende ser transmitida.

Segundo Souza, Jasper e Kaliberda (2013), o fotojornalismo é uma mensagem, e é constituída de três partes fundamentais, que são: a fonte emissora, o canal de transmissão e o meio receptor.

A fonte transmissora é o fotojornalista, ou a própria redação do meio informativo. O canal de transmissão está relacionado com o meio pelo qual a fotografia chega ao público, seja jornal, revistas, etc. e finalmente o receptor é o público leitor (SOUZA; JASPER; KALIBERDA, 2013).

Ainda segundo os autores, existem outros elementos que são importantes para dar sentido a imagem, que são, o título, a legenda, paginação e também o nome do jornal.

## 2.2 MANIPULAÇÃO DE IMAGENS

A manipulação de imagens acontece bem antes da era digital. Segundo Almeida e Boni (2006), muitos negativos já foram modificados ao longo do tempo, e os especialistas detectaram a interferência. Na tecnologia digital, a percepção e a comprovação da interferência se tornam mais difíceis.

Sousa (2000) complementa que a manipulação ocorria nos negativos das máquinas analógicas. Com a tecnologia digital, a percepção da manipulação da imagem se tornou mais complicada, já que não existem mais os negativos, por esse motivo, provar as alterações na imagem é mais difícil. "Até mesmo a questão da propriedade intelectual e a questão do controle econômico sobre a imagem digital se tornam problemáticas, pois não existem negativos" (SOUSA, 2000, p.216).

De acordo com Almeida e Boni (2006), antes do surgimento de equipamentos digitais, o homem vem alterando a realidade dos fatos históricos, com o uso de imagens manipuladas. Segundo a história, muitos políticos utilizavam dessa ferramenta para omitir a realidade e se colocar em posição de triunfo diante do povo que governa.

A figura 1 apresenta a imagem difundida pelo site Sepah News. Ela foi publicada em muitos meios de comunicação social. Só mais tarde se percebeu que o terceiro míssil não tinha sido disparado, por esse motivo, foi acrescentado posteriormente a imagem.

Figura 1: Testes de Mísseis no Irã em 2008



Fonte: Site Fotografia Total (2012).

A manipulação de imagens tem vários objetivos ou mesmo justificativas, que podem ser atribuídas a solução de problemas compositivos, para adequar ao formato de veiculação, pode estar relacionado a correções técnicas necessárias para a imprensa, para intensificar o significado, e pode também embora não seja considerada uma justificativa, ser utilizada para iludir o observador.

É nesse sentido o de iludir o observador que essa prática viola de forma mais clara as normas legais e éticas. É considerada aceitável qualquer alteração que seja para melhorar a qualidade



gráfica da impressão, o que se chama de tratamento da imagem. No entanto, quando essa alteração gera um novo sentido, é considerada manipulação e normalmente são rejeitadas. Quando se trata de fotografia publicitária, muitas vezes o tal retoque pode ser entendido como propaganda enganosa e uma manipulação.

### 2.3 ÉTICA NO FOTOJORNALISMO

Em certas ocasiões, as imagens têm causado mais impacto do que as palavras. Nesse sentido, se torna importante o debate do que é ético no campo do fotojornalismo. Segundo Sousa (2004) as questões que vem sendo discutidas, estão relacionadas com a realização e a difusão de imagens que colocam em causa o direito à privacidade, que afetam valores, as que representam situações violentas, traumáticas ou chocantes. No entanto, a questão de manipulação de fotografias adquiriu uma dimensão superior, devido à emergência dos meios digitais de geração e processamento de imagens.

A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado, porém na sua totalidade, diversidade e variedade. O valor da ética como teoria está naquilo que explica e, não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas (VÁZQUEZ, 1969).

Assim, a ética seria como uma disciplina normativa, de caráter teórico, com a função de explicar, esclarecer e investigar determinada realidade, sendo uma reflexão moral do mundo. O fotojornalista/repórter fotográfico com comportamento ético, então seria regido por uma 'legislação' do comportamento moral, ou seja, agiria de modo a respeitar limites, de forma a não ofender, difamar ou atingir direitos de outrem, na hora de divulgar uma foto (BASTOS, 2012).

Segundo Sousa (2004, p.136), falar de ética no fotojornalismo implica em pensar no fotojornalista consciente, enquanto ser humano inquieto, deve sempre interrogar-se quando explora temas violentos: "Será o acontecimento fotografado de tal dimensão sócio histórica e cultural que o choque do observador é justificável? A violência será necessária para a compreensão do acontecimento ou para a sua comprovação?" O corpo nu de um criminoso abatido pela polícia, à espera de ser autopsiado, talvez não seja um motivo fotográfico eticamente aceitável, tal como não o será um rosto desfigurado após um acidente de trânsito.

Ainda, podem-se levar a mais reflexões: "A verdade dos fatos existe? Existe um relato perfeitamente neutro e isento? A objetividade perfeita é possível?" (BUCCI, 2000).



Como já mencionado acima, a era digital, o acesso a novas tecnologias, tornaram o processo de manipulação de imagens mais acessíveis e de difícil detecção, pensando nesse sentido, sabe-se que essas novas ferramentas trouxeram consigo os debates a cerca da ética, advindas de posicionamento de algumas editoras. Como por exemplo: o leitor tem o direito de ser informado das manipulações digitais existentes nas imagens publicadas? Ou ainda: Qual o limite para o uso desses programas de edição? (PEIXOTO, 2009).

Com o pensamento voltado aos questionamentos já realizados acima, se apresenta na história eventos que marcaram a utilização de manipulação de imagens na imprensa brasileira. O primeiro fato, aconteceu no Estado do Paraná em setembro de 1997, no Jornal Gazeta do Paraná, quando o editor chefe decidiu que deveria retirar da fotografia o então governador Jaime Lerner, com a alegação que o mesmo não era uma pessoa de estima pela alta cúpula do jornal. Ainda é possível, apresentar o caso do atacante Ronaldo, na época da copa do mundo na França em 1998, quando uma mesma foto em dias diferentes foi publicada. A diferença das imagens estava na placa de publicidade que ficava atrás do jogador, os editores tiraram essa placa, pois alegaram que uma letra G, impedia que uma leitura da imagem por parte dos leitores, então resolveram tira-la (PEIXOTO, 2009).

Nesse sentido, passa-se a questionar a preocupação das linhas editoriais com o público leitor. Não seria ético adverti-lo sobre as alterações que foram realizadas nas imagens? Defendendo ou não o processo de manipulação de imagens para fins sejam estéticos, políticos, outra problemática poderia estar relacionada, e seria a credibilidade. Por mais simples que possam ser as mudanças, as editorias responsáveis pelo trabalho de pós - produção devem deixar claro que estão fazendo uso de ferramentas para edição digital. Não por que uma suposta “objetividade jornalística” deva ser preservada, mas sim por questões de natureza ética e moral. É importante para os profissionais envolvidos no processo de pós produção e para o próprio veículo de comunicação tal decisão editorial (PEIXOTO, 2009, p. 9).

## 2.4 SOFTWARES

Software é uma sentença elaborada em uma linguagem de computador, para a qual existe uma máquina (computável) que possui a capacidade de interpretá-la. Tal determinação, é constituída por uma sequência de comando e dados, armazenáveis em meio digital, que ao ser interpretada,



direciona esta máquina a realização de tarefas especificamente planejadas, cujo software foi projetado (FERNANDES, 2004).

#### 2.4.1 Adobe Photoshop

O Adobe Photoshop surgiu a cerca de 25 anos, sob a criação dos irmãos Knol. Este software, lembrado muito além que um mero editor de imagens. Lembrado, como um fenômeno revolucionário, polêmico e de grande impacto social.

O Adobe Photoshop é o programa de edição de imagem mais usado em computadores Windows e Macintosh. Ele ocupa mais de 80% das vendas no mercado, e este número está em constante crescimento. Por estas circunstâncias seu uso é quatro vezes maior do que todos os seus concorrentes unidos. E todo esse alvoroço em suas vendas é benefício para seus usuários, que além de dispor de um excelente software, ainda incentiva a Adobe reinvestir no programa e aperfeiçoar – ou, em alguns casos, corrigir – seus recursos (NETO, 2006).

#### 2.4.2 Adobe LightRoom

O Adobe Lightroom começou a ser pensado como um projeto de férias e hoje é o principal trabalho de Thomas.

Pode-se definir o Lightroom como mais que um conversor de arquivos raw, ou programa de processamento de imagens. Além dos recursos de edição do photoshop, ele também é projetado para classificação, catalogação, apresentação e impressão destes arquivos. Certas ferramentas que no photoshop seriam apenas plug-ins.

### 3. METODOLOGIA

O presente foi realizado inicialmente a partir de uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas, jornais, com a finalidade de realizar o levantamento bibliográfico necessário para a realização da pesquisa.

Após o levantamento, foi realizada a parte de campo do trabalho, onde foram realizadas fotos de locais da cidade, para verificar qual seria a melhor imagem a ser utilizada na pesquisa. A

imagem escolhida foi a de uma rua da cidade que estava cheia de buracos, para que posteriormente ela fosse tratada e manipulada.

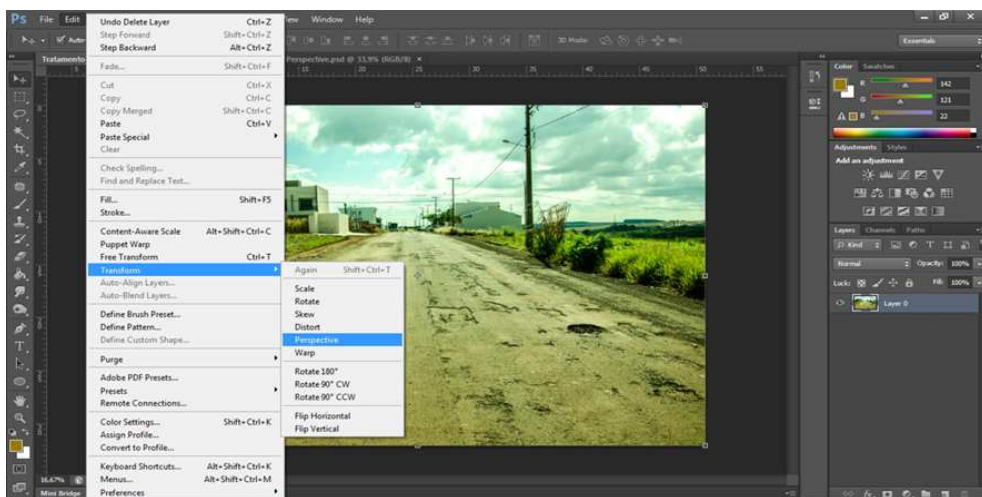
A partir de então a imagem escolhida foi salva tratada e manipulada. Para o tratamento e manipulação da foto, foram usadas ferramentas do Adobe Photoshop.

#### 4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir de então a imagem escolhida foi salva tratada e manipulada. Para o tratamento e manipulação da foto, foram usadas as ferramentas do Adobe Photoshop, como o intuito inicial da manipulação era chegar a um resultado que se julga como ético, não houve manipulações que causassem alterações na imagem original.

Para consertar a perspectiva da foto foi utilizado a ferramenta de perspectiva, acessando o menu: Edit => Transform => Perspective, alinhando o horizonte da foto conduzindo o olhar do espectador até o fim da rua. Como é apresentado na figura 2.

Figura 2: Ferramenta Perspectiva Adobe Photoshop



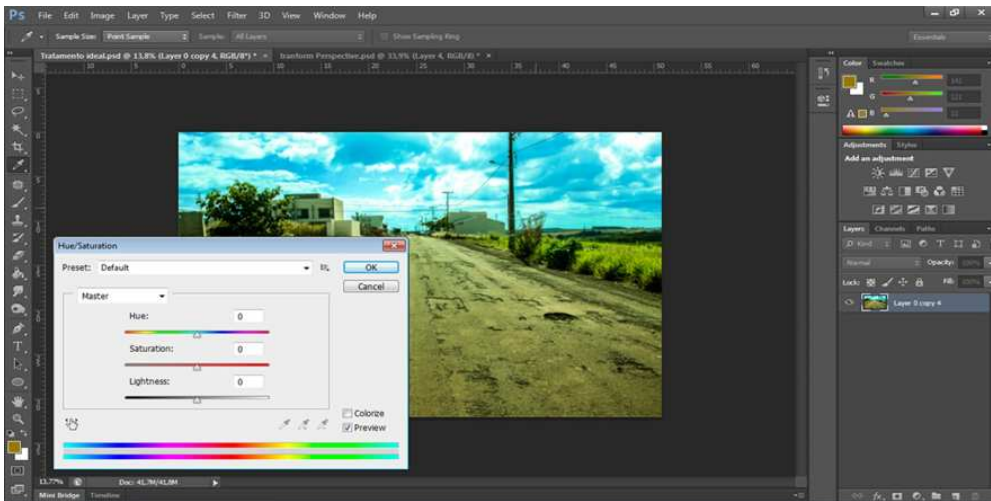
Fonte: Pesquisa dos autores (2016).

Como na foto original o céu estava com a luz um pouco estourada, foi duplicado a imagem original e separado o céu do restante da foto, em seguida foi utilizado a ferramenta de Hue/Saturation, acessando o menu: Image=>Adjustment=>Hue/Saturation, buscando uma cor mais saturada para o céu.



Após a edição do céu foi repetido o processo com o restante da foto, buscando deixar mais nítido os problemas da rua, como os buracos, a ausência de calçadas, e vegetação ao redor que da pista que em alguns pontos chega em cima da via atrapalhando a visão dos condutores.

Figura 3: Ferramenta de Saturação para nitidez do Adobe Photoshop



Fonte: Pesquisa dos autores (2016).

Após a edição de perspectiva, e de brilho contraste e saturação, chegamos a esse resultado na imagem, com os problemas fáceis de visualizar e sem alterar as características originais do local onde foi tirada a foto, acreditamos que esse seria o resultado considerado ideal de edição.

Figura 4: Tratamento ideal



Fonte: Pesquisa dos autores (2016).

A figura 5 apresenta a imagem final tratada e manipulada. Podem ser observados que todos os buracos da rua em questão foram retirados através da manipulação da imagem, o que pode resultar em um problema de ordem social, se a foto fosse utilizada no meio fotojornalístico, pois altera a realidade dos fatos. Nesse sentido, a população que poderia solicitar que a rua fosse arrumada seria prejudicada. Além da população, a secretaria de obras de uma cidade acreditaria se visualizasse a imagem, que nessa rua não existem problemas, tirando assim essa rua do cronograma de recuperação. Mas qual o motivo que pode levar a manipulação de imagens de maneira a prejudicar uma população? A questão vai além da manipulação, engloba todas as pessoas que seriam prejudicadas, as que poderiam se beneficiar com a rua “arrumada”, e as que realizam a manipulação sem pensar nas consequências desse ato. A manipulação tem vários objetivos ou justificativas, mas qual seria a justificativa de alteração de imagens de uma rua? O que leva o fotojornalismo a veicular essas imagens?

Nesse sentido, iludir o observador ultrapassa o limite da ética, e não é uma ação considerada aceitável, pois várias esferas são afetadas por uma ação que para o manipulador pode ser considerada simples. O que deve ser levado em conta pelo profissional, que trabalha com a manipulação de imagens é para o que ela será alterada, e quem será afetado com essa manipulação. Além disso, quem participa da manipulação deve ter a consciência de que essa imagem irá influenciar de maneira positiva ou negativa, e que essa influência trará consequências.

Figura 5: Imagem tratada e manipulada



Fonte: Pesquisa dos autores (2015).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por não ser recente a manipulação de imagens é muito utilizada. Antes os negativos eram modificados por grandes fotógrafos e artistas, com pincéis, tintas e técnicas no grão de prata. Hoje, apesar de ser um processo inicialmente lento, que depende da criação e melhoramento dos computadores, os softwares permitem grande número de manipulação de imagens.

As imagens transformaram-se no esteio de nossas experiências de acontecimentos históricos, e ocasionalmente, as pessoas sentiram a necessidade de manipular imagens para sustentar seus pontos de vista, ou manipular a verdade.

Nesse sentido, o ponto a ser analisado é o real motivo para a manipulação da imagem. É essa indagação que deve ser considerada para o fotojornalismo, pois uma imagem alterada pode modificar a realidade de pessoas e de uma cidade, seja de maneira positiva ou negativa.

Vale ressaltar que o uso dessas ferramentas, é permitido, no entanto é preciso ética do profissional para o entendimento do que deverá ser modificado. O profissional deve apenas apresentar a realidade dos fatos, ou deve interferir para apresentar para a sociedade uma imagem mais branda? Deve-se mostrar a realidade através de sua lente ou interferir na imagem quando a sua consciência exige? Questionamentos esses de difícil resolução, mas que são fundamentais para todos os profissionais que utilizam softwares para a manipulação de imagens fotojornalísticas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. T.; BONI, P. C. A ética no fotojornalismo da era digital. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v.2, n.2, p.11-42, 2006.

BASTOS, J. S. *Fotojornalismo: ética e direito*. Faculdades Integradas do Brasil. (Monografia de conclusão de curso), 2012.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

CARDOSO, J. B. F. O limite entre a ética e a criatividade: a manipulação da fotografia digital na publicidade. *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul, SC, v.13, n.24, p.55-65. 2012.

\_\_\_\_\_. *Manipulação digital na fotografia publicitária: criatividade e ética*. Intexto. Porto Alegre, RS. n.29, p.147-164, 2013.

FERNANDES, J. H. C. *Introdução à engenharia de Software e Sistemas*. Universidade de Brasília. 2004.



KUBRUSLY, Cláudio A. O que é fotografia. Círculo do Livro, 1984.

NETO, Sílvio Carvalho. Apostila Adobe Photoshop Informática I do curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Franca. Uni-Facef. 2006, 59 p.

OLIVEIRA, E. M. de. O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação. Revista de C. Humanas, Vol. 10, Nº 2, p. 428-438, jul./dez. 2010

PEIXOTO, J. G. M. Produção e pós produção no fotojornalismo contemporâneo: o que muda com o digital?. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2009, Brasília. Anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2009.

SOUZA, Carlos Alberto; JASPER, Aline; KALIBERDA, Andressa. História da Fotografia e do Fotojornalismo em Ponto Grossa, PR: um projeto de resgate. In: 9º Encontro Nacional da Mídia UFOP. Outro Petro- MG, 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. História Crítica do Fotojornalismo Ocidental, 2000.

\_\_\_\_\_. Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética. Ed. Rio de Janeiro. RJ, 1969.